



Romantismo e *Sport* em Macau e Goa na Transição do Século XIX para o Século XX

CÂNDIDO DO CARMO AZEVEDO*



Em meio século, 1851-1901, o Oriente assistiu com expectativa, e quase pacificamente, “à maré alta britânica”. A maior nação industrializada do mundo proclamava o cidadão britânico como o novo *civus romanus*. Londres, a capital da Europa desde o início do século, estende agora os seus tentáculos à volta do globo e a sua Índia torna-se “a jóia da Coroa” (Woodcock, 1969).

Nos territórios portugueses do Oriente mais cobiçados, Goa e Macau, apesar de nem todos os projectos e medidas lançados pelo governo da Metrópole terem tido os efeitos desejados, evitou-se contudo o seu naufrágio imediato perante tal “maré alta britânica”. Aqueles territórios não voltaram mais a ocupar uma posição de primeiro plano. O governo central lançou algumas reformas, procurando evitar a sua perda de influência; se algumas foram bem sucedidas, outras não, muitas vezes pela inépcia de alguns governadores. Foi, porém, um período que marcou profunda e decisivamente as sociedades daqueles territórios, conferindo-lhes traços que as caracterizam na época contemporânea e que, em vários aspectos, contrastam fortemente com os que as haviam individualizado no período anterior.

Página anterior: Jardim de S. Francisco, cerca de 1900.

* Doutoramento em Ciências do Desporto (ramo de História e Antropologia do Corpo) pela Universidade do Porto.

Ph.D. in Sport Sciences (History and Anthropology of the Body) from the University of Oporto.

Com os novos meios de comunicação, mais rápidos e seguros, e com a rapidez fulminante do telégrafo,¹ rapidamente passaram para estas colónias, hábitos, modas e vivências mundanas europeias. Estas colónias não ficaram, portanto, indiferentes ao despertar do novo espírito que assolava a Europa nos finais do século XIX e onde, segundo Furet (1995), os valores, fundamentados na “razão” onnipotente, eram complementados por outros valores alicerçados na expressão dos “sentimentos”, com a respectiva abertura ao fascínio pelo exótico: o Romantismo.

Nestas colónias, os portugueses, os ingleses e seus descendentes, são tocados por esta tendência, nomeadamente pelo idealismo de Goethe, isto é, pela vontade de realizar um humanismo total, integrando todos os valores criados fora da cultura ocidental, qual “... universalidade concreta da cultura, uma Weltliteratur: unir o Oriente e o Ocidente [...] fazer transbordar uns nos outros os costumes e modos de pensar das duas regiões [...] de integrar todas as dimensões do humano, de operar uma viragem no fundamental através de uma síntese grandiosa do Ocidente e do Oriente”.²

A este “encontro” assim se referiu Garaudy (1977, p. 115): “Esta tomada de consciência, do diálogo das civilizações e da sua fecundidade, não tem apenas um interesse histórico, desempenha um papel prospectivo para a invenção do futuro”.

Esta tendência romântica pelas culturas alheias, porque conveniente, fez sentir-se de duas formas: pela força atractiva das viagens, (fascínio por novas sensações, pelo sentimento, pelo exótico), e pelo culto

MACAENSES



Grupo de macaenses, cerca de 1900, in Cecília Jorge e Beltrão Coelho, *Álbum Macau. Sítios, Gentes e Vivências*, Macau, Livros do Oriente, 1991.

da Natureza, (propiciador do refúgio para todos aqueles que procuravam a emoção das vibrações íntimas e a consolação do espectáculo de uma natureza tropical e serena), de uma forma apaixonada e subjectiva. Ambas as formas forneciam um vasto campo de ideias, que tocavam a sensibilidade e a imaginação, proporcionando um certo narcisismo e gosto pela mistificação.

VIAGENS E RECREIO

Em Macau, se os passeios e os piqueniques já há muito faziam parte do gosto dos portugueses no Oriente, chegava agora a paixão pelas viagens, pois a cidade e a sua exiguidade territorial era uma fronteira madrastra e cruel, e os novos meios de transporte eram um estímulo para uma nova propedêutica do olhar. Havia que fazer vibrar o “eu”, enriquecê-lo com uma nova experiência do espaço e dos outros, vivida fora do quadro habitual, e esquecendo os problemas

económicos e político-sociais que começavam a agitar a Colónia.

Para os portugueses de Macau, sobretudo para os que dispunham de algumas posses, ir até Xangai era uma obrigação. E faziam-no com toda a comodidade, por via marítima, pois o *Saghalien*, o meio de ligação, até era um vapor que proporcionava bastante conforto.

Xangai, com as suas concessões estrangeiras, conhecidas em todo o mundo como um paraíso, era na verdade o ponto turístico mais atractivo da região. Embora fosse uma cidade chinesa, pouco tinha em comum com as outras grandes cidades da China. Era a mais moderna, a mais perigosa, a mais perversa, a mais debochada, mas também a mais desportiva. Tinha de tudo: opulentos hotéis e restaurantes, clubes nocturnos, salões de baile, teatros, grandes armazéns, campos desportivos, antros de ópio, e variados e luxuosos bordéis. Tudo isto em bairros luxuosos, repletos de esplêndidas mansões rodeadas por jardins luxuriantes.

MACANESE



Rua da Praia Grande, cerca de 1900, in Cecília Jorge e Beltrão Coelho, *Álbum Macau. Stíios, Gentes e Vivências*, Macau, Livros do Oriente, 1991.

Mas, por detrás desta fachada reluzente, havia também, e é conveniente lembrar, as ruelas infectas dos bairros de barracas, onde não faltavam famintos e pessoas dispostas a vender tudo em troca da mera sobrevivência: os seus corpos, a sua dignidade, a sua juventude e a sua energia.

Não nos foi possível seguir com exactidão o passeio dos portugueses por Xangai. Porém, compulsando os periódicos da época, somos levados a pensar que certamente após uma rápida visita ao bairro da concessão portuguesa, para onde já muitos macaenses haviam emigrado, haveria que viver a enorme cidade: comprar nos grandes armazéns, apreciar a moda e a ligeireza dos costumes e, enfim, gozar a *night-life*. Numa autêntica vertigem boémia, seria talvez obrigatório percorrer os inúmeros salões nocturnos, como aqueles “bem confortáveis do Hotel des Colonies ou do Astor Hall”,³ assistir ao culto das orquestras e bandas musicais nas *music-halls*, bem como aos primeiros passos da emancipação feminina, quase em

tudo diferente do pacato dia a dia da pequena Cidade do Santo Nome de Deus.

Uma ida até ao Club Dramático, ou ao Club União (mais tarde Club de Recreio), era uma possibilidade a considerar, pois eram estes “... clubes portugueses de Xangai famosos pelos seus concertos e récitas”.⁴

Os mais desportivos, seriam atraídos certamente pelo *sport* praticado pelos estrangeiros nas suas legações que começava a entrar nos hábitos dos chineses: o atletismo, fomentado pelo Saint Jonh’s College, o *basketball*, pelo Young Men’s Christian Association (YMCA) e a ginástica, desenvolvida pela legação alemã que, através de uma forte campanha, fez com que o exército chinês a adaptasse, em 1895, e as escolas públicas em 1903 (Knuttgen, *et al.*, 1990). A influência destas modalidades desportivas ocidentais teve tão grandes resultados na sociedade chinesa, que rapidamente transformou a desordenada actividade desportiva de Xangai, encaminhando-a para um rápido

MACAENSES

e ordenado modelo desportivo. Um grande passo para a aproximação das estruturas desportivas do mundo moderno, que rapidamente se espalharam por toda a China (Cai, 1996).

Hong Kong era já uma cidade mais ao alcance da maioria, pois muitos vapores da Hong Kong & Macao Steamboat, tais como o *Express* e o *Fire Dart* realizavam um grande número de ligações por semana, e a preços acessíveis. O Clube Lusitano, fundado em 1863 pela comunidade macaense imigrada, comemorava com grande sentido patriótico todas as efemérides nacionais, cativando e atraindo os portugueses de Macau para um passeio até à possessão britânica, como em 1880, aquando dos festejos, celebrados por ocasião do tricentenário de Luís de Camões e que proporcionaram aos visitantes um “... excelente sarau musical, assistindo estes com grande entusiasmo ao brilhante recital de piano, onde se tocou a abertura do *Egmont* de Beethoven a oito mãos ou

quando o violinista De Bebiot os deliciou com a sua *Aria* variada”,⁵ ou aquando dos “festejos” do Quarto Centenário da chegada de Vasco da Gama à Índia.⁶ Aí os portugueses de Macau não perderam certamente a oportunidade de sentir, pela primeira vez, a sensação de “trepar” ao Peak no *tram*, inaugurado em 1888, admirando, de cima, a formidável paisagem panorâmica da cidade, ou de um *tea and muffin* no Mount Austin Hotel.

A visita das gentes de Macau era retribuída pelos cidadãos de Hong Kong, tal como refere Bento da França (1897): “... durante o entrudo, por ocasião das festas chinesas, aos sabbados, etc., etc., aparecem, às vezes, em Macau grandes caravanas de ingleses da vizinha colonia, os que veem ali divertir-se a seu modo. No carnaval vão alguns aos bailes de particulares, club e gremio militar, mas, em geral, dirigem-se logo às casas de fan-tan e acabam à noite por se emborrachar”.⁷



Jardim de S. Francisco, in Filipe Emílio de Paiva, *Um Marinheiro em Macau, 1903 – Álbum de Viagem*, Macau, Museu Marítimo de Macau, 1997.



Hóquei em campo, cerca de 1930, in Cecília Jorge e Beltrão Coelho, *Álbum Macau. Sítios, Gentes e Vivências*, Macau, Livros do Oriente, 1991.

A paixão pelas viagens também chegara a Goa. Para os mais disponíveis, era uma tentação um passeio até Bombaim, que se havia tornado na cidade mais “victoriana” da Índia inglesa. Transportados por um dos dois paquetes que faziam a ligação, o *Sheperd* ou o *Sabarmati*, ou alguns anos mais tarde pela locomotiva,⁸ contariam por certo com o apoio da já forte comunidade goesa que os acolheria bem e certamente os levaria para momentos de muita diversão no seu *Lusitanian Sport Club*, instituição bastante considerada no meio social de Bombaim e uma colectividade de mérito no *sport* local.

Para as bolsas mais limitadas, descobriam-se novos espaços na enorme extensão territorial das Novas Conquistas. Apesar das más estradas e de incómodos de ordem vária, estes eram facilmente levados de vencida pelas novas e confortáveis carruagens *Victoria*, a tracção, mas já providas de rodas de borracha, oriundas das melhores fábricas de Bombaim.

Eram belos “passeios”, por entre uma vegetação exuberante, salpicada por “... belas e vistosas edificações – vastas, apalaçadas, de entradas em balcão

ou alpendradas, de varandas corridas ou de sacadas nobres de muitas janelas, em arco, em ogivas, trilobadas, largas, estreitas, geminadas [...] na sua maior parte com o exterior, caiado, pintado, faiscando ao sol.”⁹ Para a elite goesa torna-se um hábito o passeio até à encantadora cascata de Arvalém, em Sanquelim, no centro de uma densa mata de árvores enormes, frondosas, de troncos membrudos. Caetano Gracias assim descreverá estas quedas de água, uns anos mais tarde, em 1930: “... é simplesmente encantador o belo panorama em volta e que se divisa ao longe, através do cristal diáfano daquele oceano aéreo pela frente, de imensa cordilheira das montanhas azuis de Satari, cuja esplêndida miragem fascina a visão e inebria a alma com os gozos daquela virgem natureza.”¹⁰ Estes passeios, interrompidos com a revolta do Dadá Ranes, em 1895,¹¹ reiniciaram-se logo após a pacificação.

JARDINS, PASSEIOS PÚBLICOS E *SPORT*

As deficientes condições de vida, o carácter nefasto das doenças e epidemias, a insuficiência de recursos médicos, a deficiente higiene pública, a

MACAENSES



Grupo de caçadores, cerca de 1900, in Cecília Jorge e Beltrão Coelho, *Album Macau. Sítios, Gentes e Vivências*, Macau, Livros do Oriente, 1991.

pobreza da alimentação, que como refere Hasse (1993), se faziam sentir em Portugal nos finais do século XIX, também se manifestaram nas paragens do Portugal Oriental.¹² A Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, criada em 1844 para dotar os territórios do Oriente português de bacharéis em medicina, via-se impotente para satisfazer tal desiderato que se arrastava desde há décadas.¹³ Também aqui se fazia, assim, apelo a uma nova ordem: a da devolução à natureza do seu papel restaurador.

Os governadores foram os primeiros a dar o exemplo de procura dos benefícios na Natureza. Saldanha (1925) refere que os vice-reis da Índia dispunham de um palácio de recreio em Daugim de Cima, um aprazível sítio sombreado de palmeiras e opulenta vegetação, rodeado de um belo jardim e com larga vista para o Mandovi. Como casa de campo e praia, também circundada de luxuriante vegetação, tinham o Palácio do Cabo no promontório no extremo ocidental da ilha de Tissuari, e ainda o Palácio do Deão, uma casa

apalaçada para o seu recreio, em Quepém, nas matas dos contrafortes da cordilheira dos Gates, deixada em testamento pelo deão da Sé Primacial de Goa, padre José Paulo da Costa Pereira de Almeida, com a condição de terem sob a sua protecção a Igreja de Santa Cruz, por ele erguida em Quepém, nas “Novas Conquistas”.

Em Macau, o governador António Sérgio de Sousa (1868-1872) adquiriu, em 1872, o palacete do padre Vitorino Almeida para residência de Verão, num local aprazível, rodeado de vegetação luxuriante e de nascentes de água, local que veio mais tarde a designar-se por Jardim da Flora.

Era a procura do espaço, entregue à influência benéfica das regiões afastadas dos constrangimentos quotidianos. Era a procura do fremente silêncio vegetal, apenas entrecortado pelo gotejar das fontes e pelo fresco murmúrio das quedas de água e, provavelmente, de uma fuga em relação ao povo, qual manifestação de selectividade. Nada mais do que a procura do justo equilíbrio, do culto pela Natureza, tão enraizada entre

os antigos gregos, tal como nos lembra Hasse (1993), baseado na ideia de prevenção e de manutenção da saúde do corpo.

Ao gosto pelo ar livre e pela prática do veraneio, iniciado nos princípios do século XIX, junta-se agora o gosto pelos jardins e “passeios públicos”. Este gosto irá despertar uma nova linguagem urbana, com novos valores arquitectónicos e uma nova estética: jardins, fontanários, coretos, pódios. Pode afirmar-se que neste período colonial se procurou que a sociabilidade pública se sobrepusesse à sociabilidade privada, que ainda muito se fazia sentir junto das classes mais favorecidas.

Macau foi dominado ao longo dos séculos por uma paisagem árida, com uma orografia acidentada, e onde praticamente as zonas planas não existiam. O seu aspecto desolador resultou de factores climáticos adversos, como os ventos marinhos e as grandes precipitações, que agravavam a erosão da camada arável (Estácio, 1998). Em 1851, o governador Francisco António Gonçalves Cardoso (1851) inicia o combate a esta paisagem inóspita, e no governo de José Rodrigues Coelho do Amaral (1863-1866) é inaugurado o primeiro Jardim Público de Macau: o Jardim de São Francisco.

Situado junto à marginal da Praia Grande, tornou-se o Jardim de São Francisco uma peça fundamental no desenvolvimento e vida da cidade, reforçando o seu importante papel social, permitindo a convivência dos diferentes estratos populacionais que passaram a buscar nele a possibilidade de fruir momentos de lazer e de convívio (Estácio, 1998). Durante muito tempo foi o palco das festas da cidade. Segundo Teixeira (1979), a banda militar, ao pôr-do-sol, aos domingos e quintas feiras,¹⁴ alegrava o ambiente. Outras vezes eram as trupes de saltimbancos e acrobatas chineses que aí exibiam as suas habilidades. Este jardim foi o autêntico *rendez-vous* da cidade. Apesar de vítima de vários tufões e larápios, continuou ao longo de décadas a ser uma estância acolhedora, tal como refere um articulista em 1930: “... em que ali à noite se via o Governador da Província com sua família, a sociedade elegante, dando-se *rendez-vous* em quanto a Banda Policial ia tocando a *gazza ladra* de Rossini e outras melodias avoengas que se por si não despertavam atenção constituíam no entanto um motivo e dos mais belos para tornar aquele jardim num ponto de reunião da fina flor da sociedade. Ali se conversava, se discutia passeando até perto da meia noite.”¹⁵ Porque algumas

vezes os pingos anunciadores do aguceiro obrigavam a uma fuga, não era raro ver instantaneamente organizada uma *soirée* no Grémio Militar. / *O tempora! O mores!* Em que o Jardim de São Francisco era como que um grande salão onde se combinavam *salsifrés* e *piqueniques*.”¹⁶ Os governadores que se seguiram,

*Para os portugueses
de Macau, sobretudo
para os que dispunham
de algumas posses, ir até
Xangai era uma obrigação.*

como o conde de S. Januário, Januário Correia d’Almeida (1872-1874), Carlos Corrêa da Silva (1876-1879) e Tomás de Sousa Rosa (1883-1886), a par de uma corajosa intervenção urbanística (corajosa, porque chocava entre a vontade dos governantes para desenvolver a cidade – abrir estradas, reordenar portos e conquistar terrenos ao mar – e os usos e costumes da maioritária população chinesa), lançaram as raízes para o aparecimento de outros jardins, conforme o quadro que se segue:

Ano	Designação	Equipamento
1865	Jardim de São Francisco	Coreto e Fontanário
1882	Jardim do Chunambeiro	–
1883	Jardim da Flora	Fontanário
1885	Jardim Luís de Camões	Pódio. Busto de Camões
1890	Jardim da Montanha Russa	–
1897	Jardim Lou Kao, depois Lou Lim Ieoc	Motivos Chineses
1898	Jardim Vasco da Gama	Coreto

Jardins de Macau na segunda metade do século XIX.

Possuindo a península de Macau, na época, uma extensão aproximada de 4 km² e uma população de 85 mil habitantes, aproximadamente,¹⁷ demonstraram aqueles governadores dar à cidade, enquanto pólo de desenvolvimento, um equilíbrio harmonioso, no que

MACAENSES

se refere a espaços de lazer. Esta importância crescente do lazer no ordenamento do Território, está em conformidade com o movimento romântico da época.

Em Goa, território vasto, dotado de uma exuberante e tropical flora, o aparecimento dos jardins não foi tão fulgurante como em Macau, apesar da marcante obra realizada uns séculos antes por Garcia d’Orta:

Local	Designação	Equipamento ¹⁸
Campal ¹⁹	Jardim Francisco Luís Gomes	Coreto
Mapuçá	Jardim Municipal ²⁰	–
Margão	Jardim Jorge Barreto	Coreto
Nova Goa	Jardim Garcia d’Horta	Coreto e Pódio
Nova Goa	Jardim D. Luís	Coreto
Vasco da Gama	Jardim Municipal	Coreto

Jardins da Índia na transição do século XIX para o século XX.

Tanto em Goa, como em Macau, os jardins constituíram espaços privilegiados de saudável sociabilidade. Se o ar livre, o Sol, a vegetação verdejante e em alguns casos a água, são por todos reconhecidos como conciliadores para a reabilitação dos corpos e o recuperar das forças (Hasse, 1993), a música, que por lá se fazia ouvir, era também considerada. Uma mensagem cultural que tornava aqueles espaços um ponto de encontro universalmente aceite e cujas sessões tanta graça e frescura davam às pequenas cidades e vilas, tal como referia um periódico da época: “... atenuando os rigores do trabalho, amenizando as horas de ocio e diminuindo a monotonia local, não sómente produzem um salutar efeito sobre os organismos, mas também constituem uma atracção de que póde redundar grande beneficio para a povoação e para o thesouro fazendário e camarário, com o impulso que necessariamente darão ao commercio e industrias locais”.²¹ O gosto pela música alcança, assim, cada vez maior amplitude. Os coretos são locais concorridos, onde um vasto público espera com paciência estas sessões semanais ao ar livre. Por lá vão passando, ao longo dos anos, inúmeras bandas, depois orquestras, fossem militares, da polícia ou municipal, que tocam tarantelas, boleros, zarzuelas e valsas. A todos atinge e une, independentemente da sua cultura e língua, proporcionando um derivativo e calmante, bem como

educando o bom gosto e até desinibindo, pois muitos não hesitariam certamente em exhibir uns passos de valsa, como era moda nos jardins de Viena, onde esta dança se impôs como a dança triunfante do século XIX.

Neste período, os “passeios públicos” dignos de nota eram os seguintes: o da Praia Grande, em Macau e o Campo de D. Manuel, em Nova Goa. Situados à beira-mar, foram lugares agradáveis onde, durante muitas décadas, circularam as finas e elegantes sociedades locais. *Passarellas* para uma moda em desfile permanente; palcos para os *dandies* de ocasião que cuidam sempre do seu “parecer”, como referiu Fernandes (1997). Todos aí caminhariam certamente até ao pôr-do-sol, aproveitando a brisa fresca da tarde, num ir e vir autêntico de um *Promenade des Anglais*.

Em Nova Goa, o Campo D. Manuel torna-se nesta transição do século e, principalmente, durante a governação do general Joaquim José Machado (1897-1900), o “postal de visita” da cidade, espraiando-se na margem do Mandovi e até Campal, pouco antes da Praia de Miramar. Diversos testemunhos documentam nele um vasto leque de actividades recreativas: as crianças divertindo-se com os *patang* (papagaios de papel), ou com balões coloridos, ou ainda jogando ao *appá-lippá* (jogo das escondidas); ou, então, estáticas e em grupo, jogam certamente ao *appó jingappô* ou ao *mutt*. Outros, acompanhados pelos pais, divertem-se nas sempre presentes diversões mecânicas, o encanto da petizada: os “cavalinhos” e os baloiços. Os mais crescidos, jogam ao *cricket* e ao *football*, que entretanto ganhara já multidões de adeptos. Alguns passeiam de *tonga*, carruagem de duas rodas puxada a cavalos que veio substituir a *machila*,²² e outros ainda assistem no coreto à Banda do Corpo de Polícia de Nova Goa tocando “... as músicas em voga como as operetas *La Diva* de Offenbach ou *Reconocenza* de Ficini,²³ ou a sempre esperada, porque sentimental e “... romântica valsa de Strauss *Le beau blue Danuby*”.²⁴ Muitos pedalam agora as novas e confortáveis “Garrison”, já não novidade como tinham sido o “grande bi” ou as “Rover” que se lhe seguiram, já com câmara de ar e que fez do ciclismo um culto na transição do século “... conquistando rapidamente muitos amantes para este sport...”.²⁵ Para os interessados, existia um pequeno ancoradouro com *tonas*, pequeno barco fluvial de um mastro ou a remos, forrado a esteiras, que proporcionava agradáveis e românticos passeios pelo rio, local predilecto dos rapazes para aí jogarem ao *gadi*.²⁶

MACANESE

Em Macau, a marginal da Praia Grande continuava a ser a sala de visitas do Território. Vítima de vários e destruidores tufões, como os de 1831 e 1867, sofreu diversas e inteligentes beneficiações que lhe deram uma impressão de nobreza e beleza romântica. Inspiradora de pintores de renome, tais como George Chinnery e Marciano Baptista, leva Vaulecourt a compará-la com a *Côte d'Azur: Et la belle route du tour d'île, qui se déroule à flanc de falaise comme une corniche de Côte d'Azur*.²⁷ Também o francês Jean Dalbry assim a referiu: *Au bord de l'eau courant sur une longueur de deux kilomètres les coquettes habitations d'un quai tout neuf. Toute la scene respire un air de vivifiante gaieté*.²⁸

Na verdade, ligado ao jardim público de São Francisco, era todo este espaço um cenário idílico, onde as famílias num ir e vir constante faziam longos passeios a pé, aproveitando da brisa fresca da tarde ou da noite para veranejar ao longo da praia (Teixeira, 1979). Também aqui não rareavam os *dandies*, como nos refere Fernandes (1997, p. 32): "... ao cair da tarde os *dandies* percorriam [a Praia Grande], caracolando os seus alazões ou a pé, até ao Passeio Público que era o Jardim de S. Francisco, na época, um jardim fechado e mui frondoso, cumprimentando-se e derriçando as donzelas que vinham de cadeirinha, acompanhadas dos papás circunspectos ou da inevitável chaperone".

Plagiando o *Diário de Notícias*, surgem as críticas no *A Verdade*. Seja pela positiva: "Andar a pé, moderadamente e sem chegar ao cansaço, já se sabe, é um exercício que a todos é preciso, e que não tem, se pode dizer-se contra-indicações algumas".²⁹ Ou pela negativa: "... se marchar por largo tempo, ou se a marcha se transformar por hábitos de incontinuas estafas [...] mas para um resultado é necessário uma educação e preparação prévias, bem como uma organização sadia".³⁰

Critica-se mesmo a forma como muitos se apresentam: "... parece impossível – hoje –, é por elegância, afectar-se uma certa diminuição no sentido da vista, o monóculo, a luneta e o *lorgnon* de punho, são usados por muita gente que d'elles não precisa a título de utensílio engraçado e galhardo. Desacreditou-se como encanto, a palidez excessiva e o ar achacado, mas, a redução da agudez visual, a ajuda como instrumento de um ou dois vidros, e até um certo piscar dos olhos, são tidos ainda como recurso para aumentar a beleza e a graça. Cafú a graciosidade da anemia e da gestralgida; ficou a galantaria e o sal da miopia, o que

pode a presumpção atrevida!"³¹

Outros, nos seus "... *jerinkshas*"³² particulares, puxados a dois cules em trajos coloridos, rodam silenciosamente e ligeiros no leito macio da avenida plana".³³ Todos gozavam "... o sortilégio de certas noites, em que as águas se polvilhavam da farinha branca do luar e a brisa do sul trazia indefinidos odores tropicais".³⁴

Certamente que enquanto os pais assistiam à banda, que frequentemente animava o coreto, as crianças macaenses tirariam as sortes³⁵ pelo *chai feng*, para darem início a alguns dos seus jogos preferidos o *t'iu ôc kei* (ou *tá pá*, jogo da macaca), ou o *triol* (jogo dos berlindes), de feições lusitanas, como tão bem nos referiu Amaro (1972).

Tal como em Goa, muitos por aqui exibem também a grande novidade, pedalando desenfreadamente ao longo do "passeio público", sendo alvos de crítica, pois "... prejudica grandemente os cardíacos e os ahórticos; que é um género de exercício que expõem aos resfriamentos e bronquites; e que os participantes apanham tombos e quedas a toda a hora. Junte-se que a posição do ciclista é informe e feia, e que a sua invenção se não pode considerar um troféu para a higiene. Desenvolver as pernas e comprimir os órgãos do peito e do ventre, nunca deverá ser o ideal dos exercícios que a higiene recomenda".³⁶

Bem depressa estes amantes do ciclismo, agora com as novas e potentes Raleigh, importadas directamente de Inglaterra pela Macao Cycle Depot, ensaiam novos percursos. O destino ideal era a Praia da Boa Vista, na Areia Preta, agora estância balnear frequentada pela nata da sociedade macaense, à procura dos efeitos medicinais e profilácticos recomendados pelas revistas metropolitanas e que era de *bon ton* exhibir.

O século XIX foi também, nas colónias do Oriente, um século de contradições, fruto da revolução industrial e do pensamento liberal: a uma nova mentalidade, novos modos de vida social, novos gostos, ainda se opôs a vida degradante dos povos locais, votados ao esquecimento, pese embora ter havido algum progresso da consciência social. A exemplo do que se passou em Portugal, todas estas inovações no campo do culto romântico pela Natureza, enquanto regenerador energético e libertador, vieram nestes territórios portugueses corresponder à necessidade de demonstração da elegância, força e habilidade por parte

MACAENSES

de uma aristocracia ociosa e decadente, mas também, de uma burguesia em ascensão que se fazia sedutora e cortês na procura de uma nova ordem para o corpo.

O *sport*, uma invasão cultural em emergência, combatida ou não, iniciará a sua marcha triunfal e imporá a sua hegemonia; com o tempo a todos conquistará num clima de convivência e

aproximação, com a particularidade do seu fomento se ter caracterizado de maneira distinta: em Goa segundo um modelo escolar, pouco consistente e disperso; em Macau por uma forte componente militar. **RC**

N. do E. – Extracto da tese de doutoramento de Cândido do Carmo Azevedo “O Lúdico na História do Oriente Português. Um Diálogo Intercultural do Século XVI ao Século XX”.

NOTAS

- 1 Existente em Goa desde 1859, mas ligado a Portugal apenas a partir de 1879. Em Macau desde 1886.
- 2 In R. Garaudy, *Para um Diálogo das Civilizações. O Ocidente é um Acidente*, p. 114.
- 3 In *The China Gazette*, 16/09/1897.
- 4 In *O Progresso*, 21/12/1888.
- 5 In *O Independente*, 13/06/1880.
- 6 Cf. *O Porvir*, 30/04/1898.
- 7 In Bento da França, *Macau e os seus Habitantes. Relações com Timor*, pp. 193-194.
- 8 Em 1882 fez-se a ligação por caminhos de ferro de Goa à Índia inglesa.
- 9 In P. Noronha, *Olhares sobre Goa*. Policopiado. Gavana: Nova Goa, 1989, p. 6.
- 10 C. Gracias, “A Cascata de Arvalém”. In *Heraldo*, 13/02/1930.
- 11 A revolta foi dominada por uma expedição vinda de Lisboa e comandada pelo infante D. Afonso, irmão do Rei de Portugal, que depois permaneceu em Goa como vice-rei.
- 12 Este período foi mais drástico para as famílias humildes de Macau, que pela sua grande concentração populacional (cerca de 65 mil habitantes), vivia momentos de grande miséria devido ao corte do tráfico de cules, à supressão do contrabando de ópio, à concorrência de Hong Kong e a vários e impiedosos tufões que ali se manifestaram.
- 13 Cf. *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, 1916.
- 14 Porque era de grande adesão popular, o horário da actuação da Banda Militar vinha publicado no Boletim Oficial.
- 15 O horário deste jardim no início do século XX, assim determinava: Verão (Maio a Setembro) das 6 às 24h, Inverno (Outubro a Abril) das 7 às 21h (Teixeira, 1979).
- 16 In *Jornal de Macau*, 17/07/1930.
- 17 O primeiro censo oficial data de 1886.
- 18 Alguns coretos foram construídos *a posteriori*.
- 19 Arredores de Nova Goa, a caminho da praia de Mira Mar.
- 20 Depois Jardim Municipal Mártires da República.
- 21 In *O Porvir*, 12/10/1901.
- 22 Cadeirinha com dois assentos suspensos por meio de cadeias de ferro a uma cana, com toldos de chita para resguardo do sol, conduzida por quatro carregadores (“boiás”).
- 23 In *Heraldo*, n.º 1448, 1905.
- 24 In *O Heraldo*, 05/03/1905.
- 25 In *O Heraldo*, 22/01/1900.
- 26 Jogo competitivo entre crianças, praticado à beira das várzeas e rios de Goa. Consistia no lançamento de pedras chatas ou bocados de telha, ganhando aquela cuja pedra tocasse o maior número de vezes na água.
- 27 In Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. I, p. 70.
- 28 In Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. I, p. 70.
- 29 In *A Verdade*, 09/01/1910.
- 30 In *A Verdade*, 09/01/1910.
- 31 In *A Verdade*, 09/01/1910.
- 32 Riquexós
- 33 In Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. I, p. 72.
- 34 In Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. I, p. 75.
- 35 In Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. I, p. 75.
- 36 In *A Verdade*, 09/01/1910.

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Ana Maria. 1972. *Jogos, Brinquedos e Outras Diversões de Macau*. Macau: Imprensa Nacional.
- Cai, Yangwu. 1996. *The absorption of western Physical Culture by Shanghai and the formation of the Shanghai Modern Physical Culture System. Procedures of 3rd International ISHPES Seminar on Sports History, “Sports: The East and the West”*, Schunde, Academia Verlag: Sankt Augustin, pp. 64-67.
- Estácio, António. 1998. “Evolução das Zonas Verdes, sua importância e origens da flora de Macau”. Macau: *Revista de Cultura*, 35-36 (Abril-Setembro), pp. 207-216.
- Fernandes, H. de Senna. 1997. *Nam Van. Contos de Macau*. Macau: 2.ª edição. Instituto Cultural de Macau.
- França, Bento da. 1897. *Macau e os seus Habitantes. Relações com Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Furet, François. 1995. “Introdução”. In *O Homem Romântico*. Lisboa: Editorial Presença. pp. 4-14.
- Garaudy, Roger. 1977. *Para um Diálogo das Civilizações. O Ocidente é um Acidente*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Hasse, Manuela. 1993. *O divertimento do corpo. Lazer e desporto na transição do século XIX para o século XX em Portugal*. Lisboa: [texto policopiado]. Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto. Universidade Técnica de Lisboa.
- Knuttgen, H. G., Ma, Q. & Wu, Z. ed.. 1990. *Sport in China*. Chicago: Human Kinetics Publishers.
- Saldanha, Gabriel, Pe. 1925. *História de Goa. Política e Arqueológica*. Nova Goa: 2 vols. Livraria Coelho.
- Teixeira, Manuel, Pe. 1979. *Toponímia de Macau*. Vol. I. Macau: Imprensa Oficial.
- Woodcock, George. 1969. *The British in the Far East*. New York: Atheneum.